



# antes do fim

de Marcelo Bourscheid

Peça escrita durante a Oficina Regular  
do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná,  
sob orientação de Roberto Alvim,  
no ano de 2009.

*Je me remets en route avec seul le bruit de mes pas sur le gravier.*

Jean-Luc Lagarce

PERSONAGENS:

O PAI.

A MÃE.

ORESTES, o filho mais novo.

ELECTRA, a filha do meio.

IFIGÊNIA, a filha mais velha.

## I

## IFIGÊNIA

e chega um dia  
um dia comum  
não há nada de diferente  
- de especial  
como se diz -  
nesse dia  
e precisamos voltar pra casa  
voltar ao lar que já não é o nosso  
a casa da infância  
o paraíso perdido  
precisamos voltar pra casa  
não por uma decisão  
mas por um apelo  
um pedido  
uma súplica vinda de um dos nossos  
que ainda reconhecemos como sendo um dos nossos  
que não temos coragem de não assumir como um dos nossos  
coisa de sangue  
memórias de um afeto  
de um tempo perdido  
precisamos voltar pra casa  
e dizer aos nossos  
àqueles que nos pedem socorro  
aqui estou  
voltei  
precisava voltar  
sempre voltamos  
estamos sempre voltando pra casa  
em busca de segurança  
em busca de afeto  
em busca de descanso

e então  
recebemos um apelo  
um pedido  
uma súplica de um dos nossos  
que chega por carta  
num tempo em que já não se escrevem cartas  
que chega por carta  
com uma mensagem  
um anúncio  
uma profecia:

preciso revê-la  
antes do fim

e o fim é o começo  
deste encontro  
a justificativa  
para este encontro  
o motivo  
deste encontro  
porque antes do fim  
é preciso  
sempre é preciso  
dizer adeus

*Ifigênia senta-se ao fundo do palco e observa em silêncio. Há pouca luz sobre ela.*

**II**

PAI

ela vai voltar

MÃE

é hoje que ela chega

PAI

ela vai voltar

e enfim estaremos todos juntos

MÃE

todos juntos

em nossa casa

felizes e juntos

em nossa casa

PAI

a nossa filha

em nossa casa

ELECTRA

ela vai voltar

é hoje que ela chega

ela vai voltar

e estaremos todos juntos

e só por isso seremos felizes?

felizes e juntos nessa casa?

MÃE

arroz de forno

o prato predileto

PAI  
chove bastante  
talvez ela se atrasse

ORESTES  
tempestade  
o tempo era bom  
quando ela se foi

MÃE  
é hoje que ela chega

PAI  
a nossa filha

ELECTRA  
a primogênita

ORESTES  
não quis que eu a buscasse no aeroporto  
também não quis ajuda com as malas quando partiu

ELECTRA  
faz tanto tempo

MÃE  
era ainda uma menina

PAI  
acho que ela vai gostar da casa nova  
perto do mar  
ela sempre quis viver perto do mar  
nós sempre quisemos o mar

o barulho do mar  
 o cheiro do mar  
 o mar e seus mistérios

MÃE

a nossa filha  
 o mar  
 o sol

ELECTRA

os empregados dispensados  
 mamãe na cozinha  
 a família reunida  
 toalha de mesa vermelha  
 como nos dias de festa

PAI

ela volta

MÃE

é hoje que ela chega

ORESTES (*olhando para Ifigênia no fundo do palco*)  
 é como se ela já estivesse aqui  
 como se nunca tivesse ido embora  
 como se a tivéssemos trazido para esta casa nova  
 junto com os móveis empoeirados da casa velha

MÃE

o quarto sempre pronto  
 à espera

ELECTRA

vista pro mar

um quarto vazio  
uma ausência com vista pro mar

PAI (*olhar vazio pela janela*)

a nossa filha  
a nossa casa

*Chuva forte.*

### III

ORESTES  
você se lembra dela?

ELECTRA  
um pouco  
faz tempo

ORESTES  
faz tempo  
muito tempo  
éramos crianças

ELECTRA  
era um outro tempo  
morávamos em outra casa  
éramos outros

ORESTES  
e se ela não se lembrar da gente?  
e se ela esqueceu a nossa língua?  
e se ela se tornou outra pessoa?

ELECTRA  
tanto tempo

e agora esse retorno

ORESTES

e eu que sempre achei  
que ia buscá-la

ELECTRA

ela nunca quis voltar  
por mais que ela fingisse sofrer pela distância  
por mais que ela bancasse a mártir  
ela nunca aceitou voltar para cá  
o orgulho sempre maior do que tudo  
o orgulho da irmã mais velha  
da irmã que tem que se mostrar forte  
e por mais que ela se lamentasse nas cartas  
nas cartas que ela lhe escrevia  
cartas que você lia por horas a fio  
como se a repetição daquelas palavras  
pudesse lhe revelar um segredo  
cartas que não diziam nada  
por mais que nessas cartas  
ela falasse em saudade  
ela nunca quis voltar

ORESTES

ela não podia voltar  
ela foi expulsa  
lembra?  
estudar fora  
morar com parentes distantes  
ela nunca quis nada disso  
ela nunca quis sair daqui  
ela foi contra a vontade  
você sabe

ela foi contra a vontade  
e não dissemos nada  
e não fizemos nada  
porque éramos crianças  
porque não podíamos dizer nada  
porque não sabíamos o que dizer  
e nossa mãe  
que sabia o que dizer  
não disse nada  
e o silêncio cresceu e cresceu  
e tomou conta de tudo  
nossa mãe e seu silêncio  
para sempre  
o silêncio e o ódio por nosso pai  
esse ódio velado  
e esse silêncio  
simplesmente sumiram  
nem ódio  
nem silêncio  
só nossa mãe e suas palavras pálidas  
e esta espera com gosto de tempestade

#### ELECTRA

mamãe não odeia nosso pai  
nunca odiou  
ela não tem porque odiá-lo  
você sabe  
olhe para eles  
felizes  
juntos  
nenhum ódio

#### ORESTES

eu devia ter ido lá

buscado nossa irmã  
mas eu não fui  
fiquei imóvel  
todos ficamos imóveis  
depois que ela partiu  
o pai decidiu vir para esta casa  
abandonar a casa velha  
e nunca mais nos movemos  
ficamos aqui  
ouvindo as ondas  
lá fora  
o movimento contínuo das ondas  
e aqui  
a nossa falta de ação  
durante anos eu pensei:  
preciso buscar minha irmã  
mas eu não fui

## ELECTRA

sim  
você ia buscá-la  
não fosse o medo daquele país distante  
o medo daquele país de bárbaros  
daquele povo que odeia estrangeiros  
o seu medo de ser preso nas ruas daquele país distante  
o seu medo de ficar doente naquele país distante  
o seu medo de enlouquecer por lá  
o seu medo de ser preso por fumar um simples cigarro num café  
costumes de terra estrangeira  
você não poderia buscá-la  
você não se lembra dela  
e certamente ela não se lembra de você  
é como se nunca tivéssemos existido  
e talvez seja melhor assim

## ORESTES

todos esses anos estivemos esperando  
 e se ela chegar  
 e quando ela chegar  
 - pois é hoje que ela chega -  
 o que faremos com a nossa espera?  
 vamos deixar esta espera  
 e ouvir o mar?  
 desde que chegamos aqui  
 quantas vezes fomos à praia?  
 o mar foi para nós apenas uma paisagem  
 um pano de fundo para a nossa espera  
 evitamos o mar  
 nós que sempre sonhamos em estar perto dele  
 por que isso  
 minha irmã  
 por que esse medo tão grande do mar?

## ELECTRA

experimente correr até a praia experimente correr até o mar experimente fugir para o  
 mar nesta noite de tempestade como se isso fosse a última coisa que você faria na vida  
 experimente e quando chegar no mar conte a ele o seu maior segredo as suas mentiras  
 relate para ele os sonhos da noite passada conte tudo tudo mesmo e quando o silêncio  
 do mar já estiver lhe fazendo sentido quando você suspeitar que o mar já lhe esteja  
 significando tente soltar um grito um grito que ecoe por toda a praia o maior grito que  
 você pudesse soltar se não houvesse esquecido como se grita e quando você voltar para  
 casa com o silêncio do grito que você não gritou se olhe no espelho olhe nos álbuns de  
 fotografia olhe nos nossos olhos olhe nos meus olhos e então você entenderá você  
 entenderá porque nunca fomos até o mar porque nunca iremos até a praia porque o  
 nosso lugar será sempre aqui ao lado bem ao lado e tão distantes do mar

## IV

## ORESTES

eu iria te buscar e te contar das coisas que aconteceram na sua ausência  
eu iria te falar do tempo que passamos à espera  
à sua espera  
iria te falar de tantas coisas que a tua ausência nos causou  
te contaria do olhar perdido do nosso pai quando você se foi  
- ainda morávamos na casa antiga –  
era um outro tempo quando você partiu  
e dava pena  
era de dar dó ver o nosso pai  
o nosso poderoso pai  
- do qual tantas pessoas dependem -  
sucumbir pelo peso de uma ausência  
quando eu te encontrasse eu te contaria tantas coisas  
tantas palavras esquecidas  
eu esqueceria do medo que tive  
do medo que tivemos  
o medo de que você nunca mais voltasse  
que você sucumbisse  
que não aguentasse o peso do sacrifício  
– é como o pai chamava a sua partida –  
sacrifício  
ele sempre temeu a discórdia entre você e nossa irmã  
temeu que isso terminasse mal  
o sangue correndo em família  
essas coisas de sangue que nosso pai sempre temeu  
era estranho  
eu sei  
parecia um motivo pequeno  
parecia um motivo frágil  
para te mandar para este país distante  
para a casa dessa nossa tia da qual mal nos lembrávamos  
a tia que por sonhar com fortunas impossíveis acabou indo parar neste país distante

eu andaria pelas ruas deste país à sua procura  
 o meu silêncio passearia por estas ruas  
 o meu medo de ser reconhecido como um estrangeiro  
 o meu medo de pedir informações  
 tentando te encontrar com os meus rudimentos desta língua estranha  
 esta língua feia  
 esta língua sem vogais  
 esta língua sem amor  
 e nas cartas que você me escrevia  
 você falava tão pouco de si  
 você me falava do clima  
 dos costumes  
 das paisagens  
 desse país distante  
 suas cartas pareciam sempre as mesmas  
 e você sabia disto

desculpe meu irmão se te conto sempre as mesmas histórias  
 mas preciso lembrar das palavras da minha língua  
 preciso sentir o gosto dessas palavras o cheiro destas palavras  
 parece que só consigo pensar quando te escrevo  
 tenho saudades de palavras como café sabão saudade  
 tenho saudades de você

você falava sobre tudo  
 sobre nossa tia distante

pensou que nadaria em barris de petróleo  
 e hoje trancada em casa com três filhos  
 nenhum dinheiro nenhuma alegria nenhuma paz

você me contava sobre os seus estudos  
 você me contava sobre tudo  
 mas nunca

em nenhum momento  
nenhuma linha sobre você  
os seus sentimentos sobre este exílio  
o seu deserto particular  
mas eu sentia nas entrelinhas  
nos senões do seu silêncio eu sentia  
que você não estava feliz  
e que eu teria que buscá-la  
mas eu não fui  
eu não vou  
eu não irei  
eu não pude ir  
eu fiquei doente  
eu enlouqueci  
a sua ausência enlouqueceu a todos  
principalmente a mim  
não te culpo  
não se culpe  
não é de culpa que eu te falo

eu comecei a ouvir vozes

sua mãe é uma vaca ela tem um amante e você não faz nada  
não faz nada  
vaca puta sem-vergonha e você não faz nada  
cheire os lençóis sinta o cheiro  
sujeira porra suor  
o amante e sua mãe em plena tarde  
as noites reservadas para a família  
e as tardes para a felicidade  
sua mãe e o amante  
que preparam em segredo a morte do seu pai  
e você não faz nada

e eu enfurnado nos lençóis da nossa casa

tentando distinguir entre o real e o devaneio  
 de quem estes odores?  
 de quem esta luxúria?  
 quem  
 aqui  
 deixou a memória dos seus passos?

sua mãe é uma vaca  
 uma vaca e você não faz nada  
 ela e o amante e a morte do seu

é loucura minha irmã?  
 estamos todos loucos  
 esta espera infinita  
 é só um sintoma da nossa loucura  
 estamos todos esperando que você nos devolva a sanidade  
 que nos devolva a vida  
 pois desde que você partiu estamos mortos  
 nem a casa nova  
 nem o mar  
 nem esta festa que celebra a sua volta  
 nada apaga a nossa morte  
 a nossa morte por falta de amor  
 por não sabermos falar deste amor  
 estamos todos mortos  
 mas por aqui ainda ressoa  
 a memória de nossos passos sobre o cascalho  
 o grito que não pronunciamos  
 ainda ecoa pelo vale  
 a lágrima contida permanece no orvalho  
 sobre o mato que cobre a velha casa abandonada  
 a casa que abandonamos para esquecer do seu abandono  
 mas de todas as ausências  
 a que se faz mais presente

é a da palavra amor  
 tão simples  
 tão exata  
 tão ancestral  
 tão só uma palavra  
 tão fácil de dizer  
 e que nós  
 tão tolos  
 não dissemos

**V**  
**MÃE**  
 você parecia ter medo dela  
 você tinha medo dela  
 você ainda tem medo dela?

**PAI**  
 medo?  
 não não tenho medo

**MÃE**  
 porque quando ela se foi  
 quando você decidiu que ela iria  
 que seria melhor que ela fosse  
 você não fez isso com prazer  
 - como eu pensei no início  
 como todos no início pensaram -  
 você fez isso porque tinha medo  
 medo dela ou do que ela pudesse fazer

**PAI**  
 duas irmãs

duas inimigas

MÃE  
discórdia entre irmãs  
disputa por afeto  
você sabe  
isso é normal

PAI  
colocar fogo no quarto da irmã  
não é o que eu chamo  
o que se poderia chamar  
de algo normal  
menos normal ainda  
se a irmã estiver dentro dele

MÃE  
e então  
o que você faz?  
manda uma das filhas embora  
é essa a sua solução  
a solução que você encontra  
a sua estratégia para evitar o conflito  
ela foi embora e ficou esta  
a louca  
a incendiária  
a que me olha com olhos de assassina

PAI  
um homem na minha posição  
não pode  
eu não podia permitir escândalos nessa casa  
na outra casa  
na casa em que morávamos

já conversamos tantas vezes sobre isso  
 já lhe expliquei isso mais de uma centena de vezes  
 e de novo este assunto

MÃE  
 sim  
 a imprensa  
 você e seu medo de escândalos  
 e se as duas se matassem?  
 de novo o fantasma  
 do crime rondando a família

PAI  
 por favor  
 me deixe só  
 com os meus medos  
 meu silêncio  
 e meus medos

MÃE  
 a comida esfriando  
 esses malditos voos  
 sempre atrasados

**VI**  
 ORESTES  
 eu sei gritar é claro que eu sei só estou um pouco destreinado tanto tempo sem um único grito eu posso eu posso cala a boca ela não tem amante porra nenhuma quieta quieta cala a boca eu posso gritar eu só preciso de treino encher o diafragma com ar muito ar muito ar e aí é só não vou matar ninguém silêncio vamos lá eu ensaio um pouquinho um pouquinho e então eu vou para o mar gritar gritar gritar eu posso eu sei eu consigo calma calma calma respira isso

*Ele se acalma.*

*Ele tenta gritar.*

*Ele não pode.*

## VII

PAI

e o seu irmão?

ELECTRA

falando sozinho

as manias dele

e você

o que faz?

PAI

tentando ficar sozinho

com as minhas manias

você não encheu a cabeça dele de coisas?

as coisas que você diz

ELECTRA

mal falo com ele

não tenho paciência

essa doença dele

essas coisas de engolir *chip*

todos eles

esses loucos

é de loucura que se trata não?

todos eles tão iguais já reparou?

*chip* no cérebro

eletrodos no corpo

a CIA a KGB

essas manias de grandeza

e no tempo em que não havia *chips*

o que é que os loucos engoliam?  
os gafanhotos amaldiçoados do Egito?

PAI  
paciência filha  
o seu irmão tem problemas  
a sua irmã que está chegando

ELECTRA  
sim  
é hoje que ela chega

PAI  
sua irmã tem os problemas dela  
você tem que ter paciência

ELECTRA  
e os meus problemas pai  
não contam?  
nunca contaram?  
você sempre distante  
sempre ausente  
os negócios  
a minha mãe  
o meu irmão doente  
a minha irmã distante  
e eu pai?  
eu que sempre fui a que mais lhe amei  
eu que sempre esperei as sobras do seu amor  
que nunca ganhei nada  
qual a parte que me coube do seu amor?  
você zombava dos meus ciúmes  
ciumenta como a mãe  
sempre achou graça

e nunca levou a sério  
quando eu lhe dizia que cuidaria de você  
na sua velhice  
quando todos fossem embora  
quando meu irmão fosse internado  
quando minha mãe se cansasse de morar tão longe de todos  
nessa casa à beira-mar  
ficaríamos eu e você  
em nossa casa

PAI  
filha  
estou cansado

ELECTRA  
senta aqui  
descanse  
eu cuido de você  
como você cuidava de mim em outro tempo  
as histórias que você me contava  
e eu dormia embalada pelo hálito dessas histórias  
reis heróis oráculos deuses  
nas suas histórias com cheiro de uísque  
não queria ter crescido  
para sempre criança e bonita  
para você

PAI  
você sempre foi bonita filha  
continua bonita

ELECTRA  
mais bonita que a outra

a que partiu?  
mais bonita que a mulher que dorme contigo?

PAI  
a sua mãe  
você quer dizer

ELECTRA  
sim ela

PAI  
vocês todas têm o mesmo rosto  
a mesma pele  
o mesmo cheiro  
cópias perfeitas umas das outras  
vou ligar pro aeroporto  
ver se há notícias de sua irmã

ELECTRA  
meu irmão  
o do *chip*  
acha que o celular  
dá câncer no cérebro  
ela deve pensar o mesmo  
todos esses anos  
nenhum telefonema  
não tenho telefone  
câncer no cérebro  
(*olhar de quem comprehende*)  
um câncer

## VIII

ELECTRA

já sei o que ela tem  
 já sei porque ela volta  
 o cérebro  
 o cérebro

ORESTES

um *chip*?  
 ela também?

ELECTRA

não meu irmão  
 nem *chip*  
 nem eletrodos  
 um câncer  
 é por isso que ela retorna  
 para nos dizer  
 anunciar  
 nos contar sobre a sua morte próxima  
 nos dizer adeus  
 antes do fim

ORESTES

não diga isso  
 de onde essa ideia?

ELECTRA

uma premonição  
 um *insight*  
 um passarinho me contou  
 consultei o oráculo  
 uma astróloga me disse

que importância isso tem?  
 deixa pra lá  
 nem sei porque te conto  
 esquece  
 vou me trocar  
 colocar um vestido negro  
 negro-carpideira  
 colocar minha máscara de tristeza  
 e esperar a chegada da nossa morta

## IX

### ORESTES

é sempre esta chuva este clima frio este tempo triste as pessoas daqui e sua economia de palavras a cautela nos sorrisos a frieza do clima e das almas chove chove chove muito ontem ouvi alguém falando no mercado “um sujeito casado encontra um homem no armário de seu quarto o que ele diz? nada pois aqui não se fala com estranhos” e eu ri ri muito ri como há tempos não ria eu sei isso não tem graça mas a solidão nos faz achar graça dessas banalidades claro que eu só ri em casa porque aqui não se admite um estrangeiro rindo dos costumes locais aqui o humor é coisa rara eles se levam tão a sério são tão formais visitar alguém sem avisar antes aqui é uma ofensa eu sei o que te falo são só estereótipos no final essa gente é igual a todas as gentes se há alguma estupidez neste povo é só a cota normal de estupidez de todos os povos mas nem tudo são problemas há coisas boas por aqui no fundo resta pouco a dizer um abraço a todos e aproveite o sol meu irmão

## X

PAI  
 ela não vem

### MÃE

ela disse que viria  
 ela não disse que viria?  
 não é hoje que ela chega?

PAI

ela desistiu  
(silêncio)  
ela disse que viria  
seria hoje o dia de sua chegada  
de seu retorno  
mas no momento de partir  
no momento em que seus pés iniciariam a marcha  
a marcha de retorno  
ela estancou  
ela remoou ancestralidades  
e ficou parada  
observando o seu passado  
o dia de sua partida  
o táxi te levando embora  
naquele dia  
o dia em que você foi embora  
você não disse nada  
não se lamentou  
desde o dia em que você recebeu a notícia  
filha será melhor assim faça este sacrifício por nós  
você não se lamentou  
não bradou clamando por justiça  
só resignação no seu olhar  
na sua voz  
nos seus gestos  
sim meu pai vai ser melhor assim

MÃE

eu te odiei por isso  
por este sacrifício  
- era assim que você o chamava –  
um ódio sem palavras

um ódio sem vinganças  
um ódio só de ausências  
quando nossa filha foi embora  
nos tornamos ausentes  
um silêncio tomou conta de tudo  
eu desejava a sua morte em silêncio  
e remoia o meu ódio  
e a minha covardia  
e o meu medo de matá-lo  
trocar os seus remédios  
o veneno na comida  
ardis de mulher  
mas eu não fiz nada

#### PAI

você preferiu a morte lenta  
dos jantares em silêncio  
da cama sem afeto  
das cortinas fechadas  
a casa criando mofo na escuridão  
e então  
o que eu faço  
o que fazemos  
nos mudamos para esta casa  
nos mudamos para perto do mar  
nós que sempre quisemos o mar  
o barulho do mar  
o cheiro do mar  
o mar e seus mistérios

#### MÃE

uma fuga  
a nossa vinda para cá foi uma fuga  
como se ainda vivêssemos em um tempo

em que os espaços guardassem a memória dos atos  
nós fugimos  
fugimos mas foi inútil  
as ondas do mar batendo nas pedras  
as ondas do mar que vão e vêm sem parar  
a memória dos nossos crimes que não nos deixa  
o mar nos chama  
o que já fomos e tentamos não ser nos chama  
nestes anos todos  
desde que chegamos aqui  
nunca fomos à praia  
o mar  
apenas uma paisagem  
um pano de fundo para a nossa espera  
evitamos o mar  
nós que sempre sonhamos em estar perto dele

### PAI

você sempre sonhou com o mar  
sonhava em estar perto dele  
você não gosta desta casa  
porque ela está longe de tudo

### MÃE

eram boas as tardes nos cafés  
conversávamos sobre tantas coisas  
eu me sentia um pouco mais viva  
as tardes nos cafés me lembravam de quem eu era  
de quem eu já fui um dia  
antes de me casar com você  
você nos trouxe para cá  
como um castigo  
tão distante de tudo  
só esse mar e essa casa e esse farol ao longe

## PAI

e os cafés  
 a cidade e os seus cafés  
 mais longe ainda

## XI

## ORESTES

eu caminho por um longo cemitério de automóveis milhares de carcaças de carros abandonados chove chove muito eu tento me abrigar da tempestade entrando nos carros ferrugem sujeira o mato cobrindo os carros goteiras enormes no teto impossível se proteger eu mudo de carro mas em todos eles as goteiras são as mesmas em todos os carros um relógio que marca a mesma hora eu corro tentando encontrar abrigo mas não encontro no fim deste cemitério de automóveis há um grande lago e às margens deste lago não chove mais um lago ensolarado sol em plena noite eu tento ver o meu reflexo nas águas deste lago e ao sorrir percebo que meus dentes estão apodrecidos grandes nacos de carne podre grudados nos dentes desespero eu tento arrancar os dentes mas não posso vermes percorrem meus dentes apodrecidos eu choro clamo por socorro minhas gengivas sangram o sangue tinge de rubro as águas do lago o céu também fica vermelho entro nas águas deste lago buscando a morte e quando eu estou na iminência da morte acordo aos gritos eu grito pelo seu nome e você não está perto não há ninguém por perto olho no espelho para me certificar de que não há mais carne podre vermes sangue e não há nada disso apenas o meu sorriso amarelado o meu sorriso de solidão espero que você tenha sonhos melhores meu irmão da sua

## XII

## PAI

você é criança  
 você brinca pela casa  
 você cuida dos seus irmãos  
 eles são os seus brinquedos  
 é bonito te ver ensaiando virtudes maternais

e de repente  
você é mulher  
uma mulher com seus ardis  
quinze anos e a peste no corpo  
eu te abraçava e você não era mais a filha  
era o pecado  
o vício  
a loucura das paixões impossíveis  
os beijos de boa noite eram princípios de orgia  
e então  
eu mando uma das filhas embora  
é essa a solução  
a solução que eu encontro  
a estratégia para evitar o conflito  
e ela foi embora e ficou esta  
a que me olha com olhos de lascívia  
e depois que você parte  
eu fico com meu vício  
tardes e noites na internet tentando seduzir meninas  
que me lembressem você  
putinhas indefesas em corpos de crianças  
e sua irmã aqui  
tão próxima e tão fácil  
mas sem o seu olhar  
sem as suas mãos  
sem o seu cheiro  
sem nada de seu  
às vezes desconfio que ela não é minha filha  
que ela é o fruto das mentiras de sua mãe  
e por isso eu procurei em outros lares o que não havia mais aqui  
em casas com meninas despertando para o mundo  
eu entrava nestas casas com meu poder de convencimento  
com meus presentes  
com meus passeios

com meus carinhos  
eu as fazia crer nos seus sonhos de Disneylândia  
e então  
elas vinham  
para lugares esquecidos na cidade  
nas horas esquecidas dos dias  
- a hora das relações selvagens entre os homens e os animais -  
elas vinham e o desejo passeava diante de mim  
o único desejo ainda proibido  
o desejo que causa asco  
o desejo que me causava ódio  
nojo e ódio  
eu ficava lutando contra os meus demônios  
imaginando o dia em que me prendessem  
o ódio no olhar das pessoas  
eu lutava  
mas este era o meu vício  
o meu crime secreto  
e quem você procura para libertar-se deste vício?

doutor estou doente quero tirar o desejo do meu corpo

não há ajuda  
você tem que se virar sozinho  
foda-se  
e o desejo continua passeando à sua frente  
nas escolas  
nos shoppings  
na internet  
nos lugares esquecidos da cidade  
os lugares para onde eu sempre retornava  
a minha catedral com os meus anjos  
a imagem é feia eu sei  
mas é difícil achar imagens bonitas para este lugar

este desejo que passa diante de mim  
 nas horas fugazes das reuniões de trabalho canceladas  
 nas falsas doenças que te afastam do trabalho  
 eu preciso que você volte minha filha  
 que você volte para ouvir minha confissão  
 ouvir que ao te sacrificar eu sacrificava o meu desejo  
 que como Abraão eu sacrifiquei cordeiros para te poupar  
 que o tempo não apagou o ardor deste desejo  
 que eu desejo que você volte para mim  
 para vivermos juntos nesta casa  
 felizes e juntos nesta casa  
 nessas horas lentas que antecedem o meu fim

### XIII

#### ORESTES

não é que ele não te ame  
 que ele não possa te amar  
 o que machuca  
 o que te fere  
 o que aumenta o ódio que você tem por nossa irmã  
 por nossa mãe  
 o que te leva a brincar com minha mente  
 nossa mãe deve morrer meu irmão  
 nossa irmã está com câncer meu irmão  
 é o seu desejo de ser a única mulher nesta casa  
 o que te machuca  
 o que te fere  
 é a forma que ele te ama  
 o olhar com que ele te olha  
 que nunca será o olhar com que ele olhava a outra  
 a que partiu  
 a que retorna hoje

## ELECTRA

você está louco  
 cada dia mais louco  
 você confunde as coisas  
 confunde os meus sentimentos  
 seu mundo é ficção  
 você confunde as ondas do mar com sentenças de morte  
 você ouve o mar e imagina ouvir ordens

sua mãe é uma vaca ela tem um amante e você não faz nada

## ORESTES

não é o mar  
 não acuse o mar  
 o mar que irá nos levar a todos  
 que irá engolir a agonia da nossa espera  
 o mar não tem culpa  
 não o culpe  
 não se culpe  
 não é de culpa que eu te falo  
 nosso pai não te deseja  
 e não há culpa alguma nisso  
 a noite não culpa seus filhos  
 a noite apenas alucina em silêncio aquilo que deseja  
 eu vou te fazer chorar eu sei  
 lágrimas de novela irão cair do teu rosto  
 mas você precisa ouvir  
 nosso pai não te deseja  
 essa casa nunca será sua

## ELECTRA

e então  
 eu choro um pouco

entendo o meu destino  
fico uns minutos no fundo do palco  
o palco em silêncio  
entro nas coxias  
meu irmão fica só no palco  
o palco em silêncio  
e então  
neste momento  
se ouviria um grito  
um grande grito  
um grito que ecoaria por toda a praia  
um grito que você gritaria  
se não houvesse esquecido como se grita  
você não grita  
você fica só no palco  
no palco em silêncio  
eu saio das coxias carregando uma mala  
uma mala com as minhas coisas  
uma mala carregada com o meu abandono  
eu me aproximo do fundo do palco  
há pouca luz sobre mim  
e eu parto  
e você fica só no palco  
o palco em silêncio

#### ORESTES

eu fico só no palco  
o palco em silêncio  
eu tento gritar  
(*silêncio*)  
eu não consigo

## XIV

PAI

eu ouço um grito  
 talvez fosse um grito  
 um grito de dor  
 um grito que ecoa por toda a praia  
 eu vou até o meu quarto  
 e o que eu vejo  
 eu vejo minha mulher  
 a mãe de meus filhos  
 caída na cama  
 morta  
 o sangue nos lençóis  
 e nosso filho  
 o filho mais novo  
 o caçula  
 sorrindo  
 um riso demente  
 a alegria de quem cumpre uma missão  
 um destino

ela era uma vaca ela te traía ela nos traía  
 ela precisava morrer senão quem morreria era você  
 a morte preparada em segredo ela e o amante

eu fico parado  
 eu não posso fazer nada  
 nada a fazer  
 o meu filho  
 o filho mais novo  
 o caçula  
 lança a faca ensanguentada  
 uma faca de cortar carne  
 ele me olha  
 não diz nada

ele me olha  
ele corre no seu desespero  
ele corre em direção ao mar  
ainda chovia  
a chuva era mais fraca  
mas ainda chovia  
uma garoa rala  
não mais tempestade  
ele corre em direção ao mar  
e eu não o vejo  
eu chamo por minha filha  
a filha do meio  
e ela não vem  
ninguém em casa  
estou só  
só com os meus mortos

## XV

ELECTRA  
e chega um dia  
um dia comum  
não há nada de diferente  
- de especial  
como se diz -  
neste dia  
e precisamos abandonar a nossa casa  
deixar o lar que já não é o nosso  
a casa da infância  
o paraíso perdido  
abandonar a nossa casa  
não por uma desejo  
mas porque nessa casa  
não há mais segurança

não há mais afeto  
 não há mais descanso  
 e então  
 o que eu faço  
 eu tento dizer adeus  
 porque antes do fim  
 é preciso  
 sempre é preciso  
 dizer adeus  
 mas eu não consigo  
 eu saio em silêncio  
 eu deixo apenas  
 a memória dos meus passos sobre o cascalho

*Electra senta-se no lugar que era ocupado por Ifigênia. Esta pega a mala trazida pela irmã e entra na casa.*

## XVI

PAI  
 você veio  
 depois de tantos anos você veio

### IFIGÊNIA

pai  
 eu vim  
 precisava vir  
 me chamou  
 uma carta

### PAI

você veio  
 depois de tanto tempo  
 você veio

não veio naquela noite  
na noite em que te esperávamos  
na noite em que ficaríamos juntos  
todos juntos  
em nossa casa  
felizes e juntos  
em nossa casa  
você não veio naquela noite  
noite de tempestade  
na noite em que todos partiram

### IFIGÊNIA

vim quando pude  
quando consegui  
quando meu orgulho permitiu  
eu fiquei parada na soleira da porta  
meses na soleira da porta  
esperando a coragem chegar  
esperando o fim da tempestade  
esperando o tempo certo  
mas eu sabia que você me esperaria  
que você estaria aqui  
me esperando  
como sempre esteve  
pelo jeito todos partiram  
todos se foram  
ninguém suportou esta espera  
apenas você  
você e sua espera  
eu sabia que iríamos nos encontrar  
nesta casa  
a casa nova  
a casa de uma nova vida  
de um novo começo

a casa em que seremos felizes e juntos  
a casa em que eu ouvirei suas histórias  
com paciência eu ouvirei suas histórias  
foi para isso que eu vim  
para ouvir suas histórias  
antes do fim  
o seu fim  
o nosso fim  
o fim desta casa  
desta casa e seus crimes ancestrais  
ouvir suas histórias

PAI

aquela noite  
a longa noite  
no fim de um longo dia  
o dia em que te esperamos  
aquela noite foi a noite em que todos partiram  
todos abandonaram  
todos fugiram  
a espera nos enlouqueceu  
mas não se culpe  
eu não te culpo  
não é de culpa que eu te falo  
não era sua obrigação voltar  
depois de tudo  
de tudo que fizemos  
de tudo que eu lhe fiz  
nós te esperávamos  
todos juntos  
nesta casa  
à espera  
uma espera com gosto de tempestade  
chovia

chovia muito naquela noite  
 a noite em que te esperávamos  
 chovia muito  
 o mar revolto  
 nenhuma notícia sua  
 todos partiram  
 e agora  
 você está aqui  
 continua tão jovem  
 tão menina  
 a imagem que o tempo congelou na minha memória  
 a minha filha  
 a minha menina  
 em casa  
 a nossa casa

### IFIGÊNIA

faz muito tempo  
 meu pai  
 e agora os seus cabelos tão brancos  
 sua longa barba bíblica  
 um perfeito contador de histórias  
 as histórias que eu vim ouvir  
 as suas histórias

### PAI

as minhas histórias  
 não são histórias que se contem  
 a única história que me importa  
 é a história desta espera  
 do tempo que eu passei nesta casa  
 à sua espera

## IFIGÊNIA

quando eu recebi a sua carta  
 a carta em que você pedia pelo meu retorno  
 a carta do pai distante  
 escrita de um país distante  
 num tempo em que não se escrevem cartas  
 uma carta que falava de sonhos de morte  
 premonições  
 profecias  
 uma carta que dizia coisas tão amargas

estou só minha filha sua mãe distante cada vez mais distante desde que você partiu ela  
 nunca me perdoou por isso sua irmã tão rebelde seu irmão doente ouvindo vozes vozes  
 tão terríveis vozes que falam em morte e eu também doente morro em breve um ano o  
 médico me disse com seu sorriso de *carpe diem* um ano o ano em que eu preciso  
 consertar a minha vida torta o ano em que eu tenho que ajustar os ponteiros escrever  
 livro plantar árvore o ano em que preciso entender como terminei sozinho meus dias de  
 juventude prometiam multidões tantas festas tanto brilho tanta vida o que eu fiz para  
 terminar nesta casa sem luz nesta casa sem vida nesta casa que é mais escura que a casa  
 velha eu que achei que a luz do sol acabaria com o mofo desta casa acabaria com a  
 doença de todos nós mas os espaços não nos modificam minha filha nada nos muda nem  
 uma casa nova nem a morte próxima nem as obras de arte que sua mãe tanto admira  
 nada pode nos modificar seremos sempre os mesmos os dias passam e eu sempre o  
 mesmo a minha última esperança de mudar é acabando com minha culpa a culpa que eu  
 carrego todos estes anos a culpa por tê-la mandado para este país distante esse país  
 chuvoso esse país sem amigos volte filha volte para ver o seu velho pai preciso revê-la  
 antes do fim

eu decorei as palavras da sua carta  
 da sua longa carta  
 eu pensei na sua morte  
 eu não sabia se não era isso o que eu desejava  
 se assim  
 com a sua morte

eu não estaria vingada  
eu fiquei meses com a sua carta  
repetindo como um mantra as palavras  
como uma atriz que decora um texto de que não gosta  
que ela tem medo de falar  
mas que todas as noites  
- este é o seu ofício  
a sua profissão –  
ela repete  
repete e chora  
lágrimas que convencem  
eu não sabia o que fazer com as suas palavras  
eu não sabia o que fazer com o seu apelo  
eu não tinha  
eu não tenho  
mais nada com esta casa  
com este país  
eu não me reconheço nestas paisagens  
nesta língua que eu quase esqueci  
também não me reconheço no lugar onde eu vivo  
onde você me obrigou a viver  
não sou de lugar nenhum  
de tempo nenhum  
eu fiquei pensando neste retorno  
no que eu encontraria  
nas coisas que eu lhe diria quando retornasse  
tantas noites em claro preparando o meu discurso  
o discurso do meu retorno  
as palavras que eu diria quando entrasse por essa porta  
eram palavras de fel  
meu pai  
eram palavras de sangue  
carne podre pendurada nos meus dentes  
a discórdia corroendo a lucidez do meu verbo

eu ensaiava o meu retorno  
quantas vezes eu imaginei este caminho  
o caminho de volta  
eu me perdia neste caminho  
eu entrava em casas estranhas  
casas que não eram a minha  
casas em que outras famílias esperavam por outros filhos distantes  
eu corria pela praia  
não essa praia  
- a praia real –  
mas a praia imaginada  
a praia dos meus sonhos  
eu corria por esta praia  
esperava um pouco na soleira da porta  
e eu entrava  
pai  
estou aqui  
voltei  
mas quando eu chegava na soleira desta porta  
uma angústia  
um orgulho  
uma tristeza  
eu não entrava  
eu ficava parada  
em silêncio  
ouvindo as vozes desta casa  
a casa que falava sobre mim  
eu não podia entrar  
eu não entrei  
e hoje  
sem avisar  
vim com o medo guiando os meus passos  
- visitas sem aviso são uma ofensa no país onde eu moro –  
eu vim sem nenhum aviso

porque se eu avisasse desistiria  
 ficaria ali estancada na soleira da porta  
 como a frota de navios parada na praia por falta de vento  
 naquela história antiga que você me contava  
 então eu vim  
 sem avisos  
 e agora estou aqui  
 estamos aqui  
 eu e você  
 juntos  
 nesta casa

PAI  
 filha  
 eu não tenho histórias  
 eu só tenho confissões  
 confissões e um pedido de perdão  
 foi por isso que eu esperei  
 todo esse tempo à espera  
 para pedir perdão  
 eu não poderia  
 eu não posso  
 eu não irei  
 morrer sem lhe dizer  
 sem lhe contar  
 sem refazer o caminho dos meus atos  
 sem relatar o meu crime

IFIGÊNIA  
 eu não quero ouvir  
 eu não vou te ouvir  
 eu não te ouço  
 está ouvindo?  
 eu não vim até aqui

eu não fiz este caminho  
eu não voltei a esta casa  
esta casa que já não é a minha  
eu não vim até aqui  
para ouvir o inventário dos seus erros  
nada que você me diga será pior do que eu vivi nestes anos de exílio  
no país distante em que eu vivo  
que agora é o meu país  
que é só o que eu tenho para chamar de lar  
eu não quero ouvir  
eu não vou te ouvir  
não quero confissões  
a maioria dos seus crimes eu adivinho  
eu imagino  
minha imaginação é fértil  
é só por ela que eu sobrevivi estes anos todos  
não quero seus segredos  
não quero nada  
quero apenas suas histórias  
que você me conte suas histórias  
as histórias de quando eu era pequena  
não quero seus segredos  
em breve  
não demora muito  
é por isso que eu estou aqui  
não demora muito  
e você morre  
eu não quero receber seus segredos como herança  
não quero guardar os seus crimes comigo  
fique com eles  
e me deixe as minhas histórias de criança

PAI

é sobre quando você partiu

sobre o momento em que você nos deixa  
em que você vai embora desta casa  
uma coisa  
dessas coisas de sangue  
memórias de um afeto  
como eu posso  
como eu poderia  
como eu devo te dizer?  
uma coisa  
algo que eu fiz  
no passado  
longe  
bem longe  
era um outro tempo  
vivíamos em outra casa  
éramos outros  
e eu  
eu

### IFIGÊNIA

não há perdão  
eu não te culpo por nada  
não me fale de culpa  
eu não te culpo  
e nada que você me diga mudará isso  
o ódio passou  
a amargura passou  
o tempo do perdão terminou  
agora somos eu e você  
nesta casa  
a nossa casa  
e então  
pouco tempo depois  
você morre

você me pede que eu te ajude  
você tem medo de sofrer  
eu lhe ajudo  
alivio o seu sofrimento  
você morre  
em pouco tempo  
seus olhos brilham  
pouco tempo antes  
- você ainda está vivo -  
você me conta histórias  
histórias de um outro tempo  
um tempo de guerras  
heróis  
deuses  
e para não te deixar morrer  
com o seu segredo  
com o segredo que é o começo deste encontro  
a justificativa para este encontro  
o motivo deste encontro  
você me conta  
em sua dor de moribundo você me conta  
o que há tempos eu sabia  
que você morreria nos meus braços  
que o meu cheiro aliviaria a sua dor  
que você retornaria ao tempo em que foi feliz  
ao tempo em que você me amou  
em que você sacrificou o seu desejo  
para me salvar  
e antes do fim  
antes de ir embora  
antes do seu retorno  
eu seguro forte as suas mãos  
acaricio a sua face  
nenhum remorso

nenhum rancor  
chuva fina lá fora  
você suspira  
um gemido fino  
você me olha  
você diz adeus  
e você parte

## EPÍLOGO

IFIGÊNIA

antes

quando eu caminhava pela praia

quando eu olhava a casa ao longe

quando eu caminhava pela praia em direção a esta casa

a nossa casa

eu te imaginava

você era bonito

você sempre foi bonito

eu te imaginava nessa praia

caminhando comigo pela praia numa manhã de sol

eu usaria um vestido branco

um vestido leve e branco

eu era bonita

eu me sentia bonita

eu me sentia em paz

você me olharia com olhos de desejo

um desejo de outros tempos

nos deitaríamos na praia

as ondas tocando de leve nosso corpo

seria amor

seria um afeto só nosso

e quando acabássemos

eu te olharia nos olhos

seus olhos tristes de mar

eu olharia nos seus olhos

um beijo doce como a chuva

e você partiria

mas não foi isso o que eu fiz

o que fizemos

eu fiquei aqui

na soleira da porta

ouvindo os sussurros desta casa  
os lamentos dos meus mortos  
criando coragem  
a coragem de que precisamos  
a coragem de que sempre é preciso  
para dizer adeus.

*Curitiba, agosto de 2009.*